

MACHADO DE ASSIS, CENSOR OU APRENDIZ ?

Lúcia Granja
UNIP/ Soc. Padre Anchieta

No livro denominado *Machado de Assis*, de 1958, Eugênio Gomes afirmou: “Entre os episódios da vida pública de Machado de Assis talvez o menos conhecido seja o de suas atividades de censor dramático”.¹ Essa situação modificou-se nas últimas quatro décadas. Machado de Assis, censor do Conservatório Dramático Brasileiro, tem sido estudado e referido em livros e teses.²

Hoje em dia, os estudiosos de Machado conhecem a ligação do escritor com o teatro em sua juventude e se, muitas vezes, ainda não dão a essa produção a devida importância, é porque não formaram idéia do interesse desses escritos: por si próprios, pelo que nos podem anunciar a respeito do escritor, do melhor Machado, e pelo panorama que traçam da vida e escritos teatrais do final e começo das décadas de 1850/60.

Na perspectiva de valorizar tal aspecto da obra machadiana, em nosso texto, o escritor será visto como censor-aprendiz. A oposição do título, que coloca uma pergunta excludente para essas duas “atividades” do escritor (censor ou aprendiz?), visa apenas a suscitar de pronto a atenção para a resposta que pretendemos propor e que vimos indicando em nossos outros estudos e escritos sobre Machado: seus textos críticos, jornalísticos e literários da juventude apresentam impressionante maturidade que se alterna com evidente aprendizado literário.

O Conservatório Dramático era o órgão que regulamentava a cena dramática no Brasil.

¹ GOMES, Eugênio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958, p.9.

² Citamos alguns desses trabalhos: JOBIM; José Luís (org). “Machado de Assis, membro do Conservatório Dramático” In: *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, pp. 373-393. SILVA, Silvia C. M. S. “*As noites do ginásio*. Teatro e Tensões Culturais na Corte (1832-1868)”. Tese de Doutorado. Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP. Campinas, SP: 2000. FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil. 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1993 (Coleção Estudos); MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo. Difel, 1962, p-124; BARRETO FILHO. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1947; GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, censor do Conservatório Dramático Brasileiro - a análise de seus pareceres críticos*, 1999. Pesquisa desenvolvida junto à Universidade Paulista e Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. (Ainda não publicado).

Os primeiros passos em direção à formação do Conservatório foram dados em 1839, instalando-se o órgão definitivamente em 30 de abril de 1843, após terem sido os seus estatutos provisórios aprovados pelo Governo Imperial em 24 de abril de 1843. O órgão, então, passou a exercer a censura que precedia à da polícia.³

Os critérios de aprovação para uma peça mostravam preocupação com a manutenção da ordem vigente: respeito à família real, à religião, à moral, à Língua, etc., enquanto o aspecto artístico do teatro parecia deixado a um outro e desconhecido plano. Por esta razão, Machado criticou o Conservatório, em um artigo de 1859.⁴ Coerente com seus valores literários, e com a “missão” que atribuíra à arte dramática em geral, Machado, como censor, procurou não se limitar a meros julgamentos lingüísticos e gramaticais ou de ordem moral, embora também os tenha praticado. Jean Michel-Massa dividiu os censores do Conservatório entre espalhafatosos e silenciosos e Machado certamente veio a integrar o primeiro grupo⁵, pois tentava acrescentar a seu parecer alguma indicação para melhora do texto, apreciação crítica, informações gerais sobre a peça etc.

Como censor, Machado mostrou especial apreço com as composições nacionais. Acreditava ser necessário desenvolverem-se entre nós as formas literárias, o romance e o drama principalmente, de modo que aquela sociedade conjugasse progresso material e desenvolvimento das idéias. Era preciso, segundo o articulista, que o literato participasse do movimentos da sociedade em que vivia e da qual dependia.⁶

³ Assim nos informa um aviso do Ministério dos Negócios do Império, em 1851: “A censura das peças revistas e licenciadas pelo Conservatório Dramático Brasileiro, deve ser respeitada tão somente na parte literária, sem que de nenhum modo fique vedado ao Chefe de Polícia e aos seus delegados o exercício da atribuição que lhe confere o artigo 137 do Regulamento de 31 de janeiro de 1842.” Conferir PAIXÃO, Múcio da . *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasília editora, 1936, p 479.

⁴ Este artigo corresponde à terceira parte a terceira parte das “Idéias sobre Teatro”, a qual saiu em *O Espelho*, 25 de dezembro de 1859, e *A Marmota*, 16 de março de 1860, com o nome “O Conservatório Dramático”.

⁵ MASSA Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, pp 331-332.

⁶ Em uma perspectiva nacionalista, conforme demonstrou no artigo “O passado, presente e o futuro da Literatura”, a cautelosa recepção que Machado parecerista deu às composições nacionais, ou em Língua Portuguesa, justificam-se plenamente. Em 1858, no artigo citado, Machado chegara a dizer: “o nosso teatro é um mito, uma quimera”. Incitava, ainda, os escritores às composições nacionais, a seguir o exemplo da “renascente literatura que floresce em Portugal”, uma vez que não poderíamos nos erguer “à altura da França, a capital da civilização moderna” (MACHADO DE ASSIS, “O passado, presente e futuro da Literatura”, publicado em *A marmota*, 9 e 23 de abril de 1858. Coletado em : MACHADO DE ASSIS, *Obra Completa*. 3 vols. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, 5ª impressão, Vol. III, pp-788)

Assim sendo, uma das peças que mereceu análise mais longa foi a do baiano Constantino do Amaral Tavares, *Um casamento da época*. Trata-se de um drama em cinco atos, escrito em 1856. Em seu parecer, Machado diz que procuraria ser mais rigoroso na apreciação literária desta peça porque, em suas palavras, pensava que a análise deveria ser mais minuciosa e porventura mais rigorosa com as composições nacionais.⁷ As palavras, sem dúvida, mostram a sua seriedade em relação ao desenvolvimento de uma arte nacional, mas, dentro do critério rigor, teria o seu julgamento se excedido? Parece que sim, à medida que, ao menos no nível do explícito, deixou de assinalar aspectos bastante positivos do drama de Constantino Amaral Tavares.

A peça se passa no Rio de Janeiro, entre 1844 e o início dos anos 50 e, conforme explica o censor, desenvolve um argumento através do qual se levanta contra os casamentos por conveniência. Ainda que preocupada com a defesa dessa tese, a peça não deixa de escorregar pelo exagero romântico, principalmente no último ato, quando nos apresenta um final praticamente melodramático. Esses aspectos, porém, não são levantados por Machado como defeituosos, apesar de ele se pronunciar, em seus escritos sobre teatro, a favor da escola realista e dizer-se pertencente a esta última. Escolhemos como exemplo, não por acaso, uma das primeiras cenas da peça. No primeiro ato, é dia de bodas nupciais na casa do Brigadeiro, pois Elvira, sua filha, deve se casar com o Sr. Moncorvo. Elvira está bastante triste, conversando com sua madrinha, a Baronesa de São João. Vamos entender, a seguir, que está sendo forçada pelo pai a se casar com um homem que não ama, ao contrário, despreza, e, segundo ela insinua, pelo motivo de que “os Moncorvo têm fortuna superior a trezentos

⁷ MACHADO DE ASSIS. “Pareceres emitidos por Machado de Assis”. *Revista do Livro*, junho de 1956, números 1 e 2, p180

contos de réis'⁸. Neste ato, ficamos, então, conhecendo: o Brigadeiro; Henrique, irmão de Elvira; Carlos Morato, amigo de Henrique; Clotilde, uma amiga; e Eduardo, o verdadeiro amor de Elvira. Eduardo pede a Elvira que fuja com ele, mas a moça não tem coragem e implora ao pai que a liberte do sacrifício. Em um lance de excessivas ações e sentimentos, após haver prometido a Eduardo que diria não no altar, tem com o pai o seguinte diálogo:

“ (...)

Brigadeiro - Já te disse, vai acabar de aprontar-te.

Elvira - Meu pai, se há outro homem que eu amo, que me ama...

Brigadeiro - Que! Levas a tua audácia ao ponto de quase ameaçares-me com um homem que te ama?

Elvira - (lançando-se-lhe aos pés) Meu pai, pela memória de minha mãe, atenda a que este casamento vai fazer a minha infelicidade.

Brigadeiro - Levanta-se e obedece-me.

Elvira - (levantando-se altivamente) Meu pai, o Sr. será responsável perante Deus pelo desespero a que vou estar reduzida. Eu direi que - não - aos pés do altar.

Brigadeiro - (avançando para ela e ameaçando-a com o braço levantado) Desgraçada! Atrever-te-ás...(a Baronesa interpõe-se)

Elvira - Ah! (Cai quase sem sentidos na poltrona, que lhe fica próxima; a Baronesa chega-se para socorrê-la; a Viscondessa, que aparece *ilegível*⁹ pelo braço de Henrique, corre para ela)

Cai o pano”¹⁰

A conversa dramática entre pai e filha é presenciada pela madrinha de Elvira e encerra o primeiro ato. Nela, acompanhamos o desespero de gosto romântico de Elvira, que se joga aos pés do pai e quase desfalece ao ver desenhado o seu futuro infeliz, sem ter coragem para eximir-se da responsabilidade exagerada que lhe é imposta.

Machado nota, como defeitos da peça, a falta de vigor e elevação, mas, como dissemos, não se refere a esses exageros; incomoda-o mais a inconsistência dos personagens e também a abundância de “cenas inúteis”¹¹:

“ Abundam no drama cenas inúteis, e citarei, entre outras, algumas do primeiro ato que não consistem em outra coisa mais que numa **troca de**

⁸ TAVARES, Constantino do Amaral. *Um casamento da época*. Manuscrito original.(Seção de manuscritos, Biblioteca Nacional)

⁹ A leitura da peça em sua forma manuscrita dificulta a compreensão de algumas palavras e, raras vezes, trechos dela. O uso da palavra “ilegível”, em itálico, apontará os momentos em que isso ocorrer.

¹⁰ TAVARES, Constantino do Amaral. *Um casamento da época*. Manuscrito original.

¹¹ MACHADO DE ASSIS. "Pareceres emitidos por Machado de Assis quando membro do Conservatório Dramático..." In: *Revista do Livro*, nº I-II, pp-181-182.

cumprimentos, escritas, não direi com pretensão, mas com afetação que toca à trivialidade - por exageradas.”¹²

Machado indica em sua crítica um problema de estrutura da peça de teatro, da economia de ação. Segundo ele, as cenas, da maneira como se colocam, servem apenas ao deslocamento de personagens para dentro ou fora da cena dramática, ou para introduzi-los ao público. Machado não cita exemplos específicos, mas pensando sob seu ponto de vista, cremos que poderíamos citar como uma das “cenas inúteis”, a terceira do primeiro ato. Na primeira cena, conversavam Elvira e a Baronesa; na segunda, o irmão Henrique e seu amigo Carlos chegam e, no final dela, saem Elvira e a Baronesa, aparecendo, a seguir, o Brigadeiro á porta. Machado, portanto, pode estar se referindo em sua apreciação a uma cena tal e qual a que se segue:

“Brigadeiro - (traja de preto com a comenda de Cristo) Como tem passado o Sr. Morato? Folgo muito de vê-lo hoje em minha casa.
 Carlos - É bondade de S. Excia. Henrique fez-me a *ilegível* de convidar-me para assistir a cerimônia e o convite era demasiado obsequioso para que eu recusasse.
 Brigadeiro - Os tempos estão mudados ou antes sou eu quem está. No meu tempo não se ia a casamentos.
 Carlos - E por que?
 Brigadeiro - (sorrindo) Não sei bem! Achava que o que quer que era de risível em ver um homem voluntariamente encadear-se por toda a vida. Hoje, ao contrário, gosto até de ver. (a Henrique) Que é feito de tua irmã.
 Henrique - Saiu há pouco daqui para acabar de tocar-se.
 Brigadeiro - (consultando o relógio) Vão sendo horas. Parece que parou um carro; vê quem é.
 Henrique (chegando à janela) É a Sra do conselheiro Almeida.
 Brigadeiro -Vai recebê-la (sai Henrique). E o Sr não se tenta com o *ilegível*?
 Carlos - Não senhor: tenho princípios um pouco esdrúxulos acerca do casamento.
 Brigadeiro - Já sei: o senhor pensa como a mocidade progressista que o casamento é um absurdo estúpido.
 Carlos - Não absolutamente: conforme as circunstâncias.”¹³

Nesta cena, nem a conversa sobre o casamento, nem as trivialidades, apresentam

¹² Idem, p 182. grifo nosso

¹³ TAVARES, Constantino do Amaral. *Um casamento da época*. Manuscrito original. (Seção de manuscritos, Biblioteca Nacional)

maiores conseqüências para o desenvolvimento da ação. Na realidade, a conversação poderia se passar rapidamente dentro da cena anterior, quando o Brigadeiro aparece à porta. Fica claro que a sua principal razão de existência é a dispensa de Henrique, pretexto para que, na quarta cena, ele reapareça, trazendo pelo braço uma nova e importante personagem: Clotilde. Ela se “queixa” ao Brigadeiro dos galanteios do filho, e o Brigadeiro, por sua vez, os reforça. Resta-nos dela a imagem de uma mulher muito assediada pelos homens, o que pode induzir o espectador a alguma desconfiança sobre a personagem. Essa intuição vaga despertada pela cena vai se confirmar ao longo do desenvolvimento da ação e, diríamos, será a mola propulsora da verdadeira tragédia que se abaterá sobre Elvira. Contrariando, neste caso, a má impressão que causou a Machado, por que não dizer que a utilidade de uma cena como essa seria preparar o espectador para um acontecimento futuro e importantíssimo dentro da peça?

Elvira casa-se com Moncorvo, mas viverá infeliz, com o marido de mau caráter, cercada por pessoas vis como ele, com exceção da Baronesa de São João, sua madrinha. Permanecerá muito virtuosa, tanto nas conversas com Clotilde e a Baronesa, quanto ao rejeitar Carlos Morato, que a assedia. Apesar do sofrimento, não admite também a idéia do desquite, sugerido pela Baronesa. É preciso dizer que, sobre a idéia da separação, o parecerista fez grande reprovação moral, análise, aliás, que lhe cabia por normas do Conservatório. Para Machado de Assis, conforme nos diz em seu parecer, a simples enunciação da palavra “desquite” bastava “para tirar à Baronesa esse caráter de retidão e nobreza que lhe dá a idade e a pureza de costumes.”¹⁴ Continuando com o desenrolar da ação, no terceiro ato, Elvira aparece muito transformada, dispostíssima a ceder aos apelos de Carlos. Clotilde, falsa amiga, intercepta um bilhete entre os futuros amantes e dá-o a Moncorvo. Elvira é rejeitada, acolhida unicamente pela madrinha e morre no final. A atitude de Clotilde revela sua vingança contra Elvira, que lhe roubava o amante de outrora, contra Carlos, e também Moncorvo, que também

¹⁴ Ibidem

se ligara a ela, mas havia comprometido a sua reputação.

A maior parte da crítica de Machado acerca da peça desenrola-se em torno dos caracteres. Ele se refere, em seu parecer, especificamente, à construção da personagem Elvira, cuja transformação parece a Machado um grande problema. Sofredora e virtuosa, aparecer-nos-á alegre e decidida à traição, quando a vemos, no quarto ato, muito mais solta e desprendida de seus antigos valores. Existe um baile em sua casa, são duas horas da madrugada e vamos encontrá-la em seu quarto, onde se passa a seguinte conversa entre si e sua velha criada Joana, a qual lhe ajuda a refazer o seu toucado:

“ Elvira - Avia-te Joana. Lembra-te que são duas horas da noite e o baile vai a acabar e não a principiar.

Joana - Mas, por isso, a Senhora não deve aparecer menos bonita.

Elvira - Não entendes destas coisas. Depois de certa hora um pequeno desalinho tem sua graça. Quem sabe o que é ser elegante não *ilegível* que durante toda a noite uma Senhora de gosto esteja como uma boneca: seria dar indício de que contradançou como se estivesse no colégio, fazendo passos e medidas, que valsou como um Braz-mimoso ou que se não moveu de um lugar; o que tudo quer dizer que ninguém olhou para ela nem lhe deu atenção.

Joana - E eu que pensava que sempre se devia andar muito direita e sem desarranjar o vestido.

Elvira - Não sabes nada que vai pelo mundo e demais acaba-se de dançar a sexta quadrilha, segue-se a scottisch e não quer o perder meu par que é excelente.

Joana - Aqui temos outra! Também me parecia que uma moça nunca dizia que desejava dançar com algum homem.

Elvira - Ora, Joana, então as moças não têm os mesmos sentimentos que os homens?

Joana - Mas eu me lembro de ouvir, quando era menina, a Senhora velha me dizer o contrário.

Elvira - Por que me falas em minha mãe nestas ocasiões? Quando me recorde dela, de seus conselhos, de suas lições, vem-me lágrimas aos olhos, comparando minha vida de então com a de hoje. (limpa os olhos)”¹⁵

A surpresa que nos causa o diálogo acima deve ser da mesma natureza da que fez com que o censor Machado de Assis se incomodasse tanto com a construção dessa personagem. Elvira nos aparece, apenas cinco meses depois do terceiro ato, em que repudiara Carlos,

¹⁵ Ibidem

vivamente interessada em dançar com alguém, profunda conhecedora das sutilezas da vida em sociedade e dos salões, das menores malícias femininas, ela que, no segundo ato, recusava-se mesmo a sair de casa. Se nos perguntarmos, neste momento, a respeito dos motivos que a conduziram a tais transformações, aparentemente, não encontraremos resposta, mesmo porque vamos saber logo adiante que o esperado para a contradança seguinte era o mesmo Carlos. Acompanhamos, ainda, a criada Joana a desempenhar o papel de *raisonneur*, na medida em que funciona como uma espécie de voz de consciência da antiga moral de Elvira, como lhe ensinou a antiga senhora, mãe de Elvira. As lágrimas que essa lembrança provoca em Elvira mostram que ela própria tomava consciência de sua modificação, o que não é suficiente, no entanto, para convencer o espectador. Tudo isso deve ter causado a reprovação do censor.

Por outro lado, durante o terceiro ato, ficamos conhecendo bem o caráter de Clotilde, e já o havíamos intuído, de certa forma, desde as primeiras cenas. Vamos descobrir, a partir de uma conversa entre Carlos e Clotilde, que o moço estivera apaixonado por ela há questão de quatro anos, enquanto Henrique, um pouco envolvido por ela no presente, não a vê com bons olhos. Condena a amizade com sua irmã e o fato de o cunhado recebê-la em sua casa. Efetivamente, Clotilde e Elvira estão amicíssimas. Porém, mais uma vez, o leitor ou espectador poderá intuir uma intenção oculta nesta amizade, pois Clotilde procura estar sempre por perto de Moncorvo. Além do mais, Clotilde parece ser muito experiente em relação à busca de prazeres pelas mulheres casadas, já que incita Elvira à traição e conclui seus comentários: “Digo e digo uma verdade. Se *ilegível* as cousas, como tu imaginas, de certo que nada seria mais fastidioso do que o casamento. Para que casa-se (sic) uma mulher? Somente para ouvir chorar crianças, aturar cozinheiras e sofrer as impertinências do marido?”¹⁶ Além disso, mais tarde, ao denunciar Elvira a Moncorvo, diz para si quando o marido enfurecido, sai bruscamente de perto dela:

¹⁶ Ibidem

“Clotilde - (...) Vai, meu amante. Quando me ultrajaste, apresentando a *ilegível* a minha reputação como comentário das conversações, não te lembraste de que chegaria a hora da vingança. Ei-la que soa: a ti entrego maculada a infame e virtuosa donzela, que me preferiste. O autor da obra foi um teu amigo. Sinto requintar-se o prazer em repetir comigo mesma estas palavras - foi um teu amigo! Aí t’a entrego a minha boa discípula, que principiou, enganando a própria mestra: está perfeita. Adeus. Vou descansar porque o descanso é devido a quem tanto tem trabalhado(...)”¹⁷

Em vista disso tudo, talvez possamos explicar um pouco as mudanças da personagem Elvira, atestando em favor da existência de uma certa coerência em sua construção, pois, acercando-se dela, Clotilde montou uma armadilha para Elvira em nome de exercer a sua vingança. Elvira, ingênua e infeliz, deixou-se levar, naquele momento, pela má influência, tanto é que, arrependidíssima no final, terá uma trágica morte, em consequência dos sofrimentos que passará a vivenciar. Nesse ponto, portanto, a severidade do censor, que não assentiu no comportamento contraditório de Elvira, teria sido excessiva.

Mudando o foco da questão, notamos um fato interessante que passou aparentemente despercebido por Machado: uma fala deslocada mostra-nos na personagem Elvira a consciência da situação particular de repressão em que se deve acomodar socialmente o desejo feminino. Ela se pergunta sobre o porquê de uma mulher não poder sentir o mesmo que um homem. É certo que é uma fala isolada e, logo a seguir, a personagem lembra-se de sua mãe, de seus conselhos, de suas lições. De qualquer maneira, embora não tenha sido mais longamente explorado o assunto, vemos que Constantino Amaral Tavares não se exime à abordagem de assuntos polêmicos, questões sociais que mereciam discussão e tratamento, mostrando-se afinado a uma perspectiva realista. Não podemos dizer até que ponto Machado observou esta característica no dramaturgo: a inserção, ainda que ligeira, de temas polêmicos como a fala de Elvira e a questão do desquite. Imbuído fortemente do critério moral, o censor parece ter tido a visão obstruída para a exigência que ele próprio fizera em

¹⁷ Ibidem

relação aos literatos: transpor para seus escritos os movimentos da sociedade em que vivem.¹⁸ É certo que essas questões não se constituíam, naquela época, como movimentos efetivos da sociedade, mas anteciparam, sem dúvida, alguns deles. Machado mesmo aprovaria, em suas crônicas, a “evolução das mulheres”¹⁹ e concordaria, embora um pouco sarcasticamente para o proponente, com as idéias a favor do voto feminino.²⁰

Preocupado em fazer uma crítica rígida aos defeitos da peça, o jovem censor e crítico não valorizou aspectos defensáveis dela. É verdade que Machado se propôs a um rigor crítico em relação à composição nacional e não a elogiar as suas vantagens, ou a enxergar, como fizemos, que os defeitos apontados nela são menos graves do que podem parecer. No entanto, uma vez que percebemos as boas realizações de *Um casamento da época*, bastante claras, e que demonstram um esforço técnico de merecido reconhecimento, por parte do dramaturgo, pretendemos apontar que a postura de Machado se torna um tanto quanto contraditória: principalmente tendo em vista o fato de que ele se propôs a ser minucioso na crítica à mesma composição.

Difícil assegurar uma análise para este comportamento contraditório. Uma das hipóteses que podemos levantar, e que nos parece digna de alguma confiabilidade, é a de que estar preso demais aos critérios de julgamento do Conservatório - morais, por exemplo - , impediram-no, naquele momento, de obter um distanciamento crítico que lhe permitisse avaliar, como se propôs, algumas das questões literárias do texto dramático. Porém, por que não nos arriscarmos a concluir, que esta sua leitura, a de um manuscrito hoje esquecido, tenha representado, para o jovem Machado, uma espécie de mediação entre o seu desejo literário e um exemplo de realização dele?

¹⁸ MACHADO DE ASSIS. “O passado, presente e futuro da Literatura”, publicado em *A marmota*, 9 e 23 de abril de 1858. Coletado em : MACHADO DE ASSIS, *Obra Completa*. 3 vols. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, 5ª impressão, Vol. III, pp-788

¹⁹ Cf crônica de 30 de junho de 1878, publicada em *O Cruzeiro*. Recolhida em MACHADO DE ASSIS. *Obras Completas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jackson, 1950, vol23, pp 49-60.

²⁰ Cf crônica de 1º de abril de 1877, publicada na *Ilustração Brasileira*. Recolhida em MACHADO DE ASSIS. *Obras Completas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jackson, 1950, vol22, pp 199-204.